

O IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE E A CONSTRUÇÃO DO OUTRO NEGATIVO INTERNO NO CAPITALISMO

THE UNIVERSAL EMPIRE OF THE WEST AND THE REBUILD OF INTERNAL NEGATIVE OTHER IN CAPITALISMO

Rodrigo dos Santos Alcantara¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar algumas contribuições e apontamentos sobre como possivelmente o *Império Universal do Ocidente* reconstruiu o *outro negativo interno* na figura do proletariado/trabalhador no capitalismo. Entretanto, para que cheguemos a estas conclusões, primeiro analisaremos a gênese desta forma de reprodução do ocidente; e posteriormente como o *Império Universal do Ocidente* se traduziu em Imperialismo capitalista e, assim, tomou conta de todos os aspectos da vida material. Em nossa perspectiva, na era do imperialismo, o capital monopolista não somente está relacionado com as guerras interimperialista, mas também reifica o trabalhador, transformando-o em *outro negativo interno* do ocidente.

Palavras-chave: Império Universal do Ocidente. Imperialismo. outro negativo interno.

Abstract: The purpose of this paper is to present some contributions and some notes about how on possibly the *Universal Empire of the West* rebuilt the *other internal negative* on the figure of the proletariat / worker in capitalism. However, it so that we arrive at these objective, first we will analyze to genesis of form of reproduction of ocident; and prosteriorly as the *Universal Empire of the West* translated into monopoly capitalism and thus took over all the aspects of material life. In our perspective, in the period of imperialism, monopolist capital is not just related to interimperialist wars, but it also imputed to the worker the form of reification transforming in the internal negative other of the West.

Keywords: Universal Empire of the West. Imperialism. internal negative other.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa contribuir para o debate acerca do desenvolvimento do *Império Universal do Ocidente*, - forma reprodutiva do ocidente através de uma racionalidade expansiva sobre o mundo, tanto tentado capturar todos os aspectos da vida dos indivíduos e, ao mesmo tempo, expandir as fronteiras ocidentais - proposto por Del Roio no livro “O Império Universal do Ocidente e Seus Antípodas: a ocidentalização do mundo”. Nossa análise tem como objetivo focar na categoria de

1 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Marília, nas modalidades bacharel e licenciatura. Atualmente é mestrando em Ciência Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da mesma instituição. E-mail: rodrigosalcantara@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2958-4527>.



outro negativo interno na modernidade capitalista apresentando o porquê o trabalhador manual – o proletariado – ser no capitalismo esse outro interno.

Entretanto, para atingirmos este objetivo discutiremos também, mesmo que sucintamente, como o próprio *Império Universal do Ocidente* se gestou no feudalismo e se repôs na modernidade capitalista, após a transição de um modo de produção a outro. Outra categoria que aparecerá *en passant* será o *outro negativo externo*, visto que ambos os *outros* – interno e externo – estão umbilicalmente ligados pelas condições sócio-históricas em que se apresentam, ou seja, pelo modo de produção ao qual respondem.

Tal forma de reprodução do ocidente – o *Império Universal do Ocidente* – gestou-se no século XI e traduziu-se na história até os dias atuais, sempre recriando duas formas de negativos, interno e externo. Estas duas categorias serviram para que o ocidente pudesse manter a coesão interna e expandir suas fronteiras. Ao mesmo tempo, a construção da categoria do *outro negativo externo*, teve como propósito o auto reconhecimento do ocidente como lado positivo do mundo, enquanto atribuía características negativas a sua criatura, o oriente.

É importante ter em mente que, se no feudalismo foi a Igreja Romana que reproduziu os outros mediante a justificativa divina, na modernidade é o liberalismo que cumprirá este papel por meio do discurso de inferioridade embasado na ciência, em consonância com desencantamento do mundo. Isso pois, como o *Império Universal do Ocidente* responde ao modo de produção em que está vinculado perdeu-se o sentido no capitalismo falar na justificativa divina para interiorização dos outros, interno e externo.

Assim, na modernidade capitalista é por meio da fetichização da mercadoria e, como consequência, a reificação do trabalhador manual que será reproduzida a forma de *outro negativo interno*. Mas sua forma completa na modernidade se dará a partir da era do imperialismo, momento no qual o capital toma conta de todos os aspectos da reprodução da vida engendrando um indivíduo dependente do mercado e, desta forma, do *Império Universal do Ocidente*. Tais reflexões serão melhor detalhadas no texto a seguir.

A GÊNESE DO IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE E DOS SEUS NEGATIVOS

A ideia da existência do *Império Universal do Ocidente* foi proposta por Del Roio (1998) para analisar a expansão do ocidente e, como consequência, uma certa ocidentalização do mundo. A gênese desta forma reprodutiva remonta ao século XI e tem como ponto de partida dois momentos fundamentais da história: a crise demográfica que assolou a Europa a partir do séc. XI; e a cisma do Oriente².

² Ruptura entre a Igreja de Roma e a Igreja Bizantina.

Para estabilizar a violência social advinda da crise demográfica e dar continuidade a ruptura com a Igreja de Bizâncio, a Igreja Romana tentou tornar-se a única representante do Ser universal (Deus), assim, “A Igreja passa então a desejar a supremacia sobre as coisas do mundo, gestando uma teologia racional e indicando como o indivíduo cristão estaria a partir de então comprometido com a vida terrena num grau antes inexistente” (DEL ROIO, 1998, p. 20).

A constituição do *Império Universal do Ocidente*, desde sua gênese no século XI até sua entrada na modernidade³, no século XVII, construiu e reproduziu a noção de *outro* por meio da justificativa divina, ou seja, de um mundo onde aqueles que seguiam os desígnios da Igreja estavam ao lado de Deus e aqueles que não os seguiam, ou estavam fora da ordem estabelecida pela doutrina, seja internamente ou externamente, estavam do lado do Demônio.

O *Império Universal do Ocidente* é, portanto, a vontade de domínio e expansão de um tipo específico de racionalidade ocidental sobre o mundo. Desse modo, essa forma reprodutora do ocidente desenvolveu-se na história⁴ traduzindo-se de acordo com a mudança no modo produção. Isto quer dizer que, se no modo de produção feudal a Igreja e sua doutrina eram as propulsoras e reprodutoras ideológicas que garantiam a vontade de domínio ocidental, no modo de produção capitalista é o liberalismo que cumprirá esse papel de mantenedor ideológico expansionista. Não é demais dizer que a tradução na história do *Império Universal do Ocidente* - como se realizou historicamente - foi dependente do modo organizativo do trabalho.

Para que pudesse concretizar tal objetivo - a constituição do *Império Universal do Ocidente* - foi preciso manter a coesão ideológica interna e, assim, garantir o consenso da necessidade de expansão a territórios alhures. É com esse intento - coesão ideológica interna e expansão a outros territórios - que a Igreja de Roma gestou duas categorias negativas, isto é, duas categorias vistas como inferiores em relação a doutrina oficial, sendo estes: o *outro negativo interno*; e o *outro negativo externo*.

A primeira categoria, o *outro negativo interno*, são os grupos internos ao ocidente que deveriam ser “submetidos até o extermínio ou resignação, e ao qual por definição, é negado seu autônomo protagonismo sócio-histórico” (DEL ROIO, 1998, p. 10). Foi identificado na história, dependendo do modo de produção no qual estava inserido, como as mulheres, os homossexuais, os negros, os judeus, os leprosos, os servos, os escravos. Mas já adiantamos que no capitalismo é o proletariado que tem seu

³ Del Roio compreende a entrada da modernidade como sendo no século XVII e como partimos essencialmente de sua leitura para análise do *Império Universal do Ocidente* e dos outros negativos também partimos deste mesmo pressuposto.

⁴ Para um maior aprofundamento na construção e do desenvolvimento do Império Universal do Ocidente e seus negativos do feudalismo até a modernidade atual, ler o livro de Marcos Tadeu Del Roio: “O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo, editora Ícone, 1998”.

protagonismo escamoteado pelo modo de produção e reprodução do capital, portanto, é o trabalhador que, ao ser alijado do produto do seu trabalho, tornou-se o subalterno interno do Ocidente *per excellence*.

Durante o feudalismo a justificativa⁵ para tornar inferior tais grupos subalternizados internamente foi a questão divina. A mulher, por exemplo, teve seu protagonismo histórico negado e reprimido pois os cultos celtas reverenciavam a feminilidade e a sexualidade feminina e, conseqüentemente, foi preciso que acabasse com tal perspectiva atrelando-as a bruxaria, ou, ao Diabo. Para isto, a Igreja criou um contraponto, uma virgem, pura e santa, que foi agraciada por Deus para receber seu filho, Jesus (DEL ROIO, 1998).

Outro caso interessante de inferiorização é a dos negros, que eram vistos como *sem alma* e muitas vezes em paralelo a maldição de Cam, filho de Noé que teria visto seu pai em condições degradantes - nu e bêbado - e contado aos seus irmãos. Cam, em tal interpretação bíblica, deveria ser dominado por seu irmão Sem, que teria dado origem ao povo Hebreu, enquanto Cam daria origem ao povo de Canaã e aos povos da África.

Ele havia abençoado os filhos respeitadores [Sem e Jafet] porque eles se apressaram para junto de seu leito, logo que Cam lhes falara do caso e, desviando o olhar, cobriram a nudez do velho pai. Agora Cam teria de se afastar, enquanto Sem, o mais velho, era escolhido para ser o predecessor de um grupo étnico do qual viram os hebreus, os semitas. O segundo irmão, Jafet, seria progenitor de outra raça da qual viriam os *goiym*, os gentios. Cam seria a semente do povo de Canaã, com exceção dos Israelitas, que estavam predestinados a conquistar todos os outros, e pai também dos povos negros da África. O Egito seria conhecido como ‘a terra de Cam’” (OURSLER, 1956, pp. 34-35).

Ambos, mulheres e negros, foram inferiorizados e subjugados por meio da justificativa de um mundo encantado, onde a representação do divino aparece como mediador para resolução de problemas internos do ocidente. Aqui também poderíamos dizer dos Judeus, o povo que deixou Jesus morrer na cruz; os homossexuais, com a justificativa do livro bíblico de Levítico, entre outros, mas cremos que os exemplos anteriores sejam suficientes para justificar nossa argumentação.

Se a primeira categoria, o *outro negativo interno* foi uma figuração de elementos internos do ocidente, a segunda categoria, o *outro negativo externo*, se configura como “o mundo natural e grupos socioculturais alheios ou oponentes, que tem sua externalidade definida pela religião, pela forma de organização do poder ou pela racialização [...] do

⁵ Sobre os dois exemplos que apresentaremos, mulher e negros, entendemos que não são estes os únicos motivos de sua inferiorização, sendo uma relação mais complexa a questão do racismo e do machismo. Aqui apresentaremos apenas um ou dois elementos que apontam a justificativa no divino para a inferiorização destes *outros*.

qual se deveria defender e depois dominar” (DEL ROIO, 1998, p. 10). O *outro negativo externo*, se configura como um oriente subalternizado, ou, um antípoda e adversário do projeto de ocidentalização do mundo. São povos que se tornaram negativos frente ao processo de expansão e ocidentalização do mundo.

A construção dessa categoria, *outro negativo externo*, teve dois propósitos umbilicalmente ligados: o primeiro foi o de construir através de uma refração da realidade⁶, dois polos distintos, ou, a ideia de ocidente e de oriente. O ocidente foi e ainda é caracterizado como o polo positivo, ou seja, é identificado como o que está ao lado de Deus, o que luta pelo bem, o esclarecido, o democrático, entre outros. Contudo, no oriente foi atribuído características de um pólo negativo, ou seja, daqueles que estão ao lado do demônio, os que são do mal, os que permanecem nas trevas, o mundo despótico, o mundo totalitário. O segundo propósito foi o de subjugar esses povos tidos como inferiores e negativos e assim expandir-se para esses locais no oriente, muitas vezes destruindo sua sociabilidade.

Foram esses os propósitos que Edward Said percebeu no Orientalismo⁷, que, para este autor, “é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia” (SAID, 2007, p. 28). Essas formas de conhecimentos pseudocientíficos⁸ serviram para manter a subjugação do oriente subalternizado, mas como afirma Said (2007), “O Orientalismo [...] não é uma visionária fantasia europeia sobre o oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que por muitas gerações, tem se feito um considerável investimento” (SAID, 2007, p. 33).

Esse corpo de ideias se mantém sempre no que este autor chamou de “*posição de superioridade flexível*”, isto é, um sistema ideológico onde o ocidente sempre aparece em “uma série de relações com o Oriente sem jamais lhe tirar o relativo domínio” (SAID, 2007, p. 34). Assim, podemos dizer que o orientalismo reflete e ao mesmo tempo refrata uma determinada realidade material.

Por isso, não devemos tratar como dados da natureza, ou melhor, como relações naturais, as diferenças entre o que se convencionou chamar de oriente e ocidente

⁶ Dizemos que o *outro negativo externo*, mas também o *outro negativo interno*, é um signo objetivado em determinado objeto, portanto, ideológico. Tal asserção parte de Volóchinov que diz que: “Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

⁷ Podemos apontar que o Orientalismo é uma forma de *Império Universal do Ocidente*, mas enquanto para Del Roio o Império vem se gestando desde o Século XI, para Said o Orientalismo se principiou com a “invasão napoleônica do Egito em 1798” (SAID, 2007, p. 76).

⁸ Caso notório é a Declaração Baulfort de 1917 que foi base jurídica para ocupação Sionista da Palestina, e formação do Estado de Israel. Tal declaração não levou em conta os desejos e aspirações dos povos que viviam na Palestina. Sobre este assunto assistir o documentário dirigido por Simone Bitton: “Palestina, História de Uma Terra, encontrado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Rk8l7mbTgd8>”, acessado em: 19/05/2018.

pois, as “noções de ‘Oriente’ e ‘Ocidente’ são objetivamente reais ainda que quando analisadas, demonstrem ser nada mais que convencional, isto é, ‘histórico-cultural” (GRAMSCI, 2014, p. 137). Isso significa que tais noções existem materialmente expressando diferenças culturais e geográficas, mas só existem porque expressam um produto de relações sociais entre seres sociais, não existindo sem ação dos homens.

É evidente que Leste e Oeste são construções arbitrárias, convencionais, isto é, históricas, já que fora da história real qualquer ponto da terra é simultaneamente Leste e Oeste. Isto pode ser visto mais claramente pelo fato de que estes termos se cristalizam, não a partir do ponto de vista de um hipotético e melancólico homem em geral, mas do ponto de vista das classes cultas europeias, que através de sua hegemonia mundial, fizeram com que fossem aceitos por toda a parte (GRAMSCI, 2014, p. 137).

Assim, ocidente e oriente foram construções necessárias para a conformação do *Império Universal do Ocidente* sob os desígnios da igreja. Foi por intermédio da sua vontade de domínio sobre todo os elementos da sociabilidade humana, sejam eles de caráter espiritual ou material, baseadas na ideia de inferioridade daqueles que não estavam sob os ditames da Igreja de Roma e seus intelectuais e por meio da justificativa divina que se criou o *outro negativo interno* e o *outro negativo externo* no feudalismo, algo que mudará com o emergir da modernidade.

O DESENCANTAMENTO DO MUNDO E A NOVA FORMA DO IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE

Durante o feudalismo e parte da modernidade ainda nascente, o Império subjugou o *outro negativo*, sendo ele interno ou externo, mediante a justificativa divina. A mulher aparece como inferior porque é aquela que fez adão cometer o pecado e punida a sangrar todos os meses e atrelada ao demônio por meio da acusação de bruxaria. Os Judeus foram inferiorizados porque são considerados o povo Deicida, o negro porque não tem alma e descendente de Cam, filho amaldiçoado de Noé.

Todavia, na modernidade capitalistas e com o desencantamento do mundo o discurso necessitou ser realocado de acordo com o próprio desenvolvimento das forças produtivas. O homem passa cada vez mais quebrar as amarras da sociedade feudal, e, assim, aparece como o sujeito da ética puritana, ou ética protestante ascética do trabalho. Tais fenômenos colocam transformações que Max Weber chamou desencantamento do mundo:

O desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação, não foi realizado na piedade católica com as mesmas conseqüências que na religiosidade puritana (e. antes dela, somente na judaica). O católico tinha à sua disposição a *graça sacramental* de sua Igreja como meio de compensar a própria insuficiência: o padre era um mago que operava o milagre da transubstanciação e em cujas mãos

estava depositado o poder das chaves. Podia-se recorrer a ele em arrependimento e penitência, que ele ministrava expiação, esperança da graça, certeza do perdão e dessa forma ensejava a descarga daquela tensão enorme, na qual era destino inescapável e implacável do calvinista viver. Para este não havia consolações amigáveis e humanas, nem lhe era dado esperar reparar momentos de fraqueza e leviandade com redobrada boa vontade em outras horas, como o católico e também o luterano [...] E só uma vida regida pela reflexão constante podia ser considerada superação do *status naturalis*: foi com essa reinterpretação ética que os puritanos contemporâneos de Descartes adotaram o *cogito ergo sum* (WEBER, 2004, pp. 106-107).

Como a citação acima demonstra, cada vez mais se gestava-se uma racionalidade laica e voltada para o indivíduo, que tinha sua base assentada em “uma nova racionalidade, definida pelo individualismo proprietário e pela autonomização da dimensão econômica, tornada o âmbito fundamental da sociabilidade” (DEL ROIO, 1998, p.69). Assim, na modernidade, a força de trabalho cada vez mais se desvincula do mundo da natureza e do mundo simbólico e “a invenção de um outro interno negativo do ocidente se concentram na inferiorização do trabalho manual. (DEL ROIO, 1998, p. 75).

O que estava em gestação com as transformações que o ocidente sofria era o próprio desenvolvimento das relações capitalistas de produção, que mudou a forma que *Império Universal do Ocidente* se reproduziu a partir de então. Isso pois, se antes a expansão desta forma reprodução ocidental estava ligada ao modo de produção feudal e a doutrina da Igreja, justificada no místico e no sobrenatural, após o emergir da modernidade capitalista estará umbilicalmente ligada ao processo de exploração do trabalho e, assim, da produção, extração da mais-valia e do lucro. Ora, isso quer dizer que o núcleo ideológico passa a ser o liberalismo - que Max Weber entende como ética protestante - mas ao mesmo tempo essa ética é produzida pelas próprias condições materiais que vinham se gestando.

Em uma síntese muito bem elaborada – que carrega ao mesmo tempo um caráter de exaltação e crítica ao capitalismo – Marx e Engels (2010) nos esclarecem que com a destruição das bases feudais, o centro da luta político-econômico-social passa a ser agora entre a burguesia e o proletariado enquanto classe pois, “Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas” (MARX, 2010, p. 42). Os autores ainda apontam que, “A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, a relações de produção e, com isso, todas as relações de produção” (MARX, 2010, p. 43).

Com o advento do capitalismo, a classe dos capitalistas necessitou destruir a forma reprodutora do *Império Universal do Ocidente* que vigorava no feudalismo e desencantar o mundo, já que a justificativa divina não respondia mais as necessidades

da nova formação sócio histórica. Entretanto, ao mesmo tempo em que a burguesia destruiu a forma do *Império Universal do Ocidente* do feudalismo, ela o reconstruiu sob seus desígnios pois ela é perpetuamente “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX, 2010, p. 43).

A grande diferença entre a forma do *Império Universal do Ocidente* que se estabeleceu no feudalismo e a forma que irá se reproduzir no capitalismo é que, a primeira age principalmente pelas forças extra-econômicas - militar, política e jurídica, já a segunda aos poucos vai deixando as forças extra-econômicas para o segundo plano e tornando-se cada vez mais dependente do mercado mundial e, ao mesmo tempo, tomando conta de todos os aspectos da vida material dos indivíduos, voltaremos nesse tema mais à frente.

Marx e Engels já percebiam no século XVIII a vontade do capitalismo em se expandir cada vez mais e mais, destruindo e reconstruindo necessidades:

Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela roubou a indústria de base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas – indústrias que já não empregam matérias-primas nacionais, mas sim matérias primas vindas das regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do mundo. Ao invés das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, surgem novas demandas, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e de clima os mais diversos. No lugar do antigo isolamento de regiões e nações autossuficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal independência das nações. E isso se refere tanto a produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se patrimônio comum. A estreiteza e unilateralidade nacionais torna-se cada vez mais impossíveis; das numerosas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal (MARX, 2010, p. 43).

A sagacidade de Marx foi perceber que a produção de mercadorias que passará ao primeiro plano na sociedade “em que domina o modo de produção capitalista” (MARX, 1983, p.45). A riqueza nesta sociedade se apresenta como uma enorme coleção de mercadorias aparece como relação fetichizada entre produtos do trabalho humano, escondendo uma relação real entre seres humanos.

IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE, IMPERIALISMO E A SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DO OUTRO NEGATIVO INTERNO

A forma do *Império Universal do Ocidente*, já continha, mesmo que apenas em potência, a forma Imperialistas que Lenin descreveu em seu livro “Imperialismo, estágio superior do capitalismo”. Esta etapa do capitalismo teve início nas duas ou três últimas décadas do século XIX. Lenin percebeu na concentração dos monopólios a forma mais avançada do desenvolvimento capitalista e que essa é impulsionada pelo capital financeiro, tornando-se fator decisivo no capitalismo. Na fase do capitalismo monopolista, o capital bancário subjugou o capital industrial e comercial ao mesmo tempo, tornando-se uma amalgama com estes últimos produzindo, assim, o capital financeiro.

Quanto à estreita relação existente entre os bancos e a indústria, é precisamente nesta esfera que se manifesta, talvez com mais evidência do que em qualquer outro lado, o novo papel dos bancos. Se o banco desconta as letras de câmbio de um empresário, abre-lhes conta corrente etc., essas operações, consideradas isoladamente, não diminuem em nada a independência do referido empresário, e o banco não passa de um modesto intermediário. Mas, se essas operações se tornam cada vez mais frequentes e mais sólidas, se o banco ‘reúne’ em suas mãos capitais imensos, se as contas correntes de uma empresa permitem ao banco – e é assim que acontece – conhecer, de modo cada vez mais pormenorizado e completo, a situação de seu cliente, o resultado é uma dependência cada vez mais completa do capitalista industrial em relação ao banco (LENIN, 2012, p. 68).

Lenin aponta que: “O século XX assinala, pois, o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro” (LENIN, 2012, p.74), ou seja, o capital financeiro tomou conta do mundo, refazendo o *Império Universal do Ocidente* a sua imagem e semelhança, pois estes capitais foram tomando formas internacionais, se fundindo e ao mesmo tempo partilhando o mundo em colônias.

Desse modo, o capitalismo monopolista abrange o aumento de organizações monopolistas no seio de cada país capitalista, a internacionalização do capital, a divisão internacional trabalho, o imperialismo, o mercado mundial e o movimento mundial do capital, bem como as mudanças na estrutura do poder estatal (BRAVERMAM, 2011, p.216).

O capitalismo só passou a fase do Imperialismo quando atingiu um grau muito elevado de desenvolvimento, isto é, quando a própria concorrência entre capitalistas os levou necessariamente ao monopólio, para se protegerem de outros capitalistas e maximizarem seus lucros, e estes, posteriormente, passaram a partilhar o mundo entre os trustes, cartéis e sindicatos da burguesia.

Lenin aponta ainda que Kautsky, com sua noção de ultraimperialismo, “estimulam, entre outras coisas, a ideia profundamente errada [...] de que a dominação do capital financeiro *atenua* a desigualdade e as contradições da economia mundial, quando na realidade, as *acirra*” (LENIN, 2012, p. 123). Tanto é verdade a afirmação de Lenin que esse quadro levou às guerras como a Hispano Americana (1898), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, posteriormente, 21 anos após o término da primeira ocorreu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As guerras evidenciaram que no capitalismo o papel preponderante de coação e exploração são os das formas econômica, mas, ao mesmo tempo, não é descartada as formas de coerção e coação extra econômicas. Aliás, segundo Ellen Wood (2014):

O que torna a dominação de classe, ou o imperialismo, especificamente *capitalista* é a predominância da coerção econômica, que se distingue da coerção “extraeconômica” – política, militar ou judicial – direta. Ainda assim, isso não quer dizer, de forma alguma, que o imperialismo capitalista possa abrir mão da força extraeconômica. [...] A força extraeconômica é claramente essencial para a manutenção da coerção econômica em si (WOOD, 2014, p. 17).

Diferente do feudalismo, no capitalismo o poder econômico tem certa autonomia das outras formas de poder, como o político ou o militar, mas como dissemos anteriormente, não é porque existe essa separação que eles não atuam de forma conjunta. É importante frisar que o mercado nesta sociedade tem o poder de subjugar as outras formas de poder, colocando-as sob suas necessidades, isto pois, “somente no capitalismo ‘o mercado’ tem uma força própria, que impõe a todos, capitalistas e trabalhadores, certos requisitos sistêmicos impessoais de concorrência, acumulação e maximização dos lucros” (WOOD, 2014, p. 22).

Sob o capitalismo, mais especificamente na era dos monopólios, o *Império Universal do Ocidente* torna o indivíduo⁹ depende do mercado para satisfazer suas necessidades, ficando raízes em toda as suas necessidades básicas. Por isso, é somente na era monopolista que “o modo capitalista de produção recebe a totalidade do indivíduo, da família e das necessidades sociais e, ao subordiná-los ao mercado, também os remodela para servirem ao às necessidades do capital” (BRAVERMAM, 2011, p.231).

O indivíduo e todas as suas esferas de satisfações, não importando se são da imaginação, do corpo, trabalho ou descanso, entre outros, estão relacionadas ao mercado. O mercado é uma forma bem anterior ao capitalismo, e esteve presente em outras formas de imperialismos pretéritos, como o romano, o chinês, o português, o

⁹ Esse indivíduo é policlassista visto que tanto o proletariado como o burguês necessitam do mercado para sobreviver, seja para necessidades do corpo ou da alma.

espanhol, entre outros, mas é somente no capitalismo é que ele passa a regular a vida e a sobrevivência das pessoas.

Desta forma, podemos dizer que a necessidade de expansão do *Império Universal do Ocidente* sob o capitalismo da era monopolista passa cada vez mais a dominar todos os aspectos da vida. Se Weber, como vimos anteriormente, apresenta que com a ética protestante, ou seja, com a ética liberal, houve um desencantamento do mundo, agora o *Império Universal do Ocidente* vai fetichizando e reificando as relações entre indivíduos estendendo-se por todas as vias de sua vida material, tornando o indivíduo sempre mais dependente do mercado.

Mas, diferente do indivíduo, o *outro negativo interno* torna-se o centro da fetichização da vida material, sendo assim, é a sua relação de trabalho que é explorada, é produto do seu trabalho que é alienado a outro. Isto quer dizer que a sua forma de sobrevivência é negar a si mesmo, vendendo a si como mercadoria no mercado de trabalho. Seu produto do trabalho ganha vida quase que de forma mágica no mercado.

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedade naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos [...] Não é mais nada que determinada que relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (MARX, 1983, p.71).

Como citado no início deste artigo, embasados em Del Roio (1998), esse *outro* é aquele que tem seu protagonismo negado. Aquele que é impedido pelas forças sociais de se libertar desta fetichização e ao mesmo tempo tem sua consciência reificada. Essa forma mercantil que reifica a consciência do trabalhador não é apenas uma questão quantitativa, mas sim qualitativamente diferente do que se viu em modos de produção anteriores ao capitalismo. Por isso,

A diferença entre uma sociedade em que a forma mercantil é dominante, que influencia decisivamente todas as manifestações da vida, e uma sociedade em que ela aparece apenas episodicamente é, antes, uma diferença qualitativa. Pois o conjunto dos fenômenos, subjetivos e objetivos, das sociedades em questão adquire, de acordo com essa diferença, formas de objetividade qualitativamente diferentes (LUKÁCS, 2003, p. 195).

Sob o capitalismo os produtores diretos da vida material são confrontados diretamente pela sua atividade produtora, que os domina através de leis próprias, tornando tanto sua atividade produtora, quanto o produto do seu trabalho estranhos a eles. Esses seres humanos são coisificados, tornados mercadorias pois para sobreviverem

necessitam venderem-se no mercado, assim como seus produtos produzidos por seu trabalho. Esse *outro negativo interno* é tornado cálculo de números e tempo, uma verdadeira coisa.

CONCLUSÃO

Como apontamos anteriormente, a modernidade capitalista desencantou o mundo, o racionalizou, tirou o poder dos padres e feiticeiros, e assim também quebrou as amarras produtivas do feudalismo, tornou escravos em homens livres. Entretanto, ao mesmo tempo que igualou os homens em direitos, acabando com senhores, servos e escravos, aprisionou outros como mercadoria, os colocaram na condição do trabalho perpétuo. Essa forma de divisão social veio “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p.207).

Assim, o *Império Universal do Ocidente* ao ser reconstruído pelo capitalismo como racionalidade laica, mas pautado no indivíduo proprietário subjugou todos os indivíduos colocando as satisfações de suas necessidades atreladas ao mercado, entretanto, somente uma parte destes indivíduos, os produtores da vida material ou o proletariado, foram rebaixados ao nível de mercadoria, de coisas, e desta forma, foram realocados como *outro negativo interno*. Desse modo, sua condição de trabalho perpétua não é apenas uma relação econômica, é também uma forma de reificação que se estende por todos os poros da sua vida social, ao ponto que sua própria consciência se torna reificada

Foi isso que Antônio Gramsci (2001), por exemplo, ao analisar o Americanismo e o Fordismo percebeu quanto apontou que instintos sexuais sofreram forte repressão. Isto pois, foi necessário ao capitalismo transformar e aprisionar as relações sexuais em um puritanismo hipócrita para que a energia produtiva do trabalhador não fosse gasta com trivialidades, então, nada que não fosse para o trabalho, ou seja, uma forma de negação seu protagonismo sócio histórico. Por fim, podemos concluir que esses produtores por serem simultaneamente criadores da vida material e criaturas produzidas pelo capitalismo, foram rebaixados ao nível de negativos do sistema capitalista, que tem como polo central o ocidente, assim, são o *outro negativo interno* do Ocidente capitalista.

BIBLIOGRAFIA:

BRAVERMAM, H. **Capital Monopolista**, In: **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: LTC, 2011

DEL ROIO, M. **O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo**. São Paulo: Ícone, 1998.

GRAMSCI, A. **Introdução ao estudo da filosofia**, In: **Cadernos do cárcere**. vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Americanismo e fordismo**, In: **Cadernos do cárcere**. vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LENIN, V. I. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LUKÁCS, G. **A reificação e a consciência do proletariado**, In: **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

OURSLER, Fulton. **O maior livro do mundo: a história do Velho Testamento**. São Paulo: Edições Melhoramento, 1956.

SAID, W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOOD, E. M. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

